

Medicina, Saúde & História
volume 12

Coordenadores da coleção

André Mota

Maria Gabriela Silva Martins da Cunha Marinho



ARTES DE CURAR
E PRÁTICAS DE SAÚDE
circularidades, institucionalidades e repressão



Tânia Salgado Pimenta
André Mota
organizadores

ARTES DE CURAR
E PRÁTICAS DE SAÚDE
circularidades, institucionalidades e repressão

HUCITEC EDITORA
São Paulo, 2022

© Direitos autorais, 2022, da organização de,
Tânia Salgado Pimenta & André Mota
Direitos de publicação reservados por
Hucitec Editora Ltda.
Rua Dona Inácia Uchoa, 209
04110-020 São Paulo, SP.
Tel.: (55 11) 3892-7772 3892-7776
www.huciteceditora.com.br
www.lojahucitec.com.br

Depósito Legal efetuado.

Direção editorial
MARIANA NADA

Produção editorial
KÁTIA REIS

Assistência editorial
MARIANA BIZZARRO TERRA

Circulação
ELVIO TEZZA

Preparação e revisão
JORGE MOUTINHO LIMA

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

A825

Artes de curar e práticas de saúde : circularidades, institucionalidades e representação / organização Tânia Salgado Pimenta , André Mota. - 1. ed. - São Paulo : Hucitec, 2022.

314 p. ; 23 cm.

(Medicina, saúde & história ; 12)

Inclui índice

ISBN 978-85-8404-302-6.

1. Medicina - História. I. Pimenta, Tânia Salgado. II. Mota, André. III. Série.

22-79532

CDD: 610.9

CDU: 61

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

SUMÁRIO

- 9 PREFÁCIO, *Gabriela dos Reis Sampaio*
- 15 APRESENTAÇÃO

PARTE 1 – ARTES DE CURAR, REGIONALIDADES E CIRCULARIDADES

- 23 CAPÍTULO 1 – Enfermar, sanar y morir en una ciudad mediterránea: Alicante en el siglo XVIII, *Eduardo Bueno Vergara & Enrique Perdiguero-Gil*
- 45 CAPÍTULO 2 – Un curandero, un espiritista y la globalidad de las prácticas de cura “populares” en el interior de la Argentina moderna (Santa Fe, 1854 y 1887), *José Ignacio Allevi*
- 70 CAPÍTULO 3 – Doenças, mundo do trabalho marítimo e tráfico de africanos escravizados (séculos XVIII-XIX), *Jaime Rodrigues*

- 86 CAPÍTULO 4 – A cura das “mazelas” do corpo e da alma: curandeiros e feitiçeiros na busca por “boa sorte” e cura de enfermidades no Rio de Janeiro nas décadas finais do século XIX, *Caio Sérgio de Moraes Santos e Silva*
- 107 CAPÍTULO 5 – As artes de curar na Província da Parahyba nas décadas de 1870-1880, *Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano & Wuendisy Fortunato da Silva*
- 127 CAPÍTULO 6 – Além de papalvos e rústicos – enfermos e seus curandeiros no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX, *Tânia Salgado Pimenta*

PARTE 2 – ARTES DE CURAR SOB A MIRA DO ESTADO

- 145 CAPÍTULO 7 – Artes de curar na Bahia da Primeira República, *Christiane Maria Cruz de Souza, Ricardo dos Santos Batista & Rafael Rosa da Rocha*
- 173 CAPÍTULO 8 – “É necessário republicanizar a república”: os debates sobre a República e a liberdade profissional na Câmara dos Deputados (1891-1898), *Jefferson Nascimento Albino*
- 200 CAPÍTULO 9 – Relações perigosas: agentes de cura e o caminho da repressão, *Glícia Caldas*
- 223 CAPÍTULO 10 – A psiquiatria e a repressão policial ao espiritismo e aos cultos afro-brasileiros, Recife/1930-1945, *Carlos Alberto Cunha Miranda*
- 252 CAPÍTULO 11 – A Santa de Coqueiros: curas, imprensa e outros milagres na década de 1930, *Marcos Estevam Vasconcelos Silva*
- 281 CAPÍTULO 12 – Da história da medicina às artes de curar mediações de Cosme, Damião e Doum, *André Mota*
- 309 SOBRE OS AUTORES

PREFÁCIO

*Veja, ilustre passageiro,
que belo tipo faceiro
que o senhor tem ao seu lado...
e no entanto, acredite,
quase morreu de bronquite...
salvou-o o rum creosotado.*

Extra, extra! Tem novidade das boas na prateleira das curas. Não se trata de um novo tônico para a bronquite, como o do anúncio acima, que aparecia em bondes no século passado, nem de uma panaceia milagrosa para a Covid — a vacina já existe e é a solução! Venho anunciar possibilidades de curas para outros males, como a apatia intelectual e a psasmaceira reinante nesses tempos pandêmicos, de vício nas telas e pouca reflexão, mazelas tão frequentes neste mal iniciado século XXI. Felizmente, muita coisa boa chega para os leitores ávidos por instigantes histórias de curandeiros, feiticeiros, beatas, parteiras, sangradores e tantos outros “não diplomados”, surgindo em navios, hospitais, casas de dar fortuna, grutas ou tribunais, ao lado de famosos médicos na disputa por tratamentos, preferências e vidas dos mais variados e impacientes enfermos.

O livro que o leitor tem em mãos, *Artes de curar e práticas de saúde: circularidades, institucionalidades e repressão*, organizado por Tânia Salgado Pimenta e André Mota, é uma coletânea de textos instigantes sobre as artes de curar, em diversas regiões do Brasil e também na Península Ibérica e na Argentina, entre os séculos XVIII e XX. Além de um estudo vasto, de longa duração e percorrendo diversas localidades, cidades e interiores, mares e terra firme, o livro se destaca pela riqueza de casos e de interpretações dos significados das chamadas práticas de cura não oficiais, alternativas à medicina oficial — e duramente combatidas por autoridade de diferentes governos e países.

O volume é de uma riqueza impressionante, composto por capítulos bem estruturados, de narrativa fluente, escritos por especialistas na temática das doenças, curas, religiosidades e as respectivas medidas legais — na maior parte das vezes, repressivas — que as acompanham ao longo do tempo. Impressiona também pela qualidade das pesquisas apresentadas e pela pertinência das questões levantadas, o que torna a leitura agradável sem deixar de lado a seriedade da análise.

Quando fui convidada para escrever o prefácio deste livro, fiquei muito empolgada com a possibilidade de ler, em primeira mão, textos inéditos sobre o tema das práticas ligadas à saúde e à crença, as chamadas artes de curar, assunto que me interessa e fascina desde que comecei a aprender o que era fazer pesquisa — lá se vão umas boas décadas já. Iniciada a leitura, fui me surpreendendo com as novidades ou releituras que encontrava a cada texto: ainda há muito a ser dito e a aprender sobre esse universo, e um esforço coletivo para discutir a temática é muito bem-vindo.

Para quem se interessa e pesquisa o tema, é constante o desafio de entender o que as pessoas de outras culturas e outras épocas faziam nos momentos de desespero causados pelas doenças, como lidavam com a saúde a morte, como apelavam para formas específicas de crença e religiosidade para enfrentar os momentos mais difíceis da vida. A partir daí, aparecem outros pontos: os desafios da falta de recursos financeiros da maioria dos doentes, a dificuldade dos Estados em proteger as pessoas, especialmente quando entram em jogo assuntos de ordem econômica e a preservação dos lucros das grandes corporações ou de grupos poderosos, a relação entre doenças e a vida de seres humanos que foram transformados em caras mercadorias, como africanos e indígenas, a banalização da violência e da repressão a práticas religiosas específicas, especialmente aquelas comuns entre os membros da classe trabalhadora, dos pobres, dos negros e negras, dos habitantes das periferias, dos considerados loucos e não aptos para a

vida em uma sociedade capitalista. As doenças, especialmente as epidemias, ao atingirem a humanidade, chegam de maneira democrática para todos os lugares e pessoas. Mas logo passam a causar mais danos e consequências fatais a grupos específicos, tornando evidentes as desigualdades e injustiças sociais, raciais, de gênero.

Todas essas questões estavam presentes enquanto eu lia os variados casos contados pelos autores e autoras deste livro, mas muitas outras surgiram à medida que os casos se desnudavam. O desespero diante das febres no século XVIII espanhol e a perseguição a agentes de cura no século XIX argentino me levaram a contextos e locais que jamais conhecera: uma cidade mediterrânea da Idade Moderna e uma localidade no interior do país vizinho ao nosso, revelando processos de circulação e apropriação de saberes médicos e atitudes variadas de diferentes doentes. O terror sofrido pelos africanos arrancados de suas terras para a violência e o massacre do tráfico, passagem monstruosa que os conduziria aos assombros da escravidão nas Américas, quando eram considerados causadores de doenças geradas pela brutalidade do infame comércio. Os textos mostram que o conhecimento científico e o preconceito racial caminharam juntos, e que a ciência endossou o racismo, nas palavras de Jaime Rodrigues. Na discussão das práticas de cura e de diversas religiosidades ao longo do volume, os debates sobre a racialização e os sentidos perversos do racismo são uma tônica presente, muito bem construída, que merece destaque.

Mas ainda tem muito mais! Curandeiros dos mais variados tipos, que tentavam trazer um pouco de sorte aos pobres mazeados de corpo e alma, no Rio de Janeiro ou na Paraíba do final do século XIX. Ou os sangradores e parteiras que encontravam maneiras de ter reconhecimento das autoridades, conseguindo aliviar muitos doentes desesperados, muitos já desenganados por cirurgiões, no início do Oitocentos no Rio. Tânia Pimenta sistematiza pontos importantes que estão presentes em alguns dos textos, como a análise das implicações sociais do adoecimento, especialmente para os pobres.

Do começo do Oitocentos, nos tempos da Fisicatura, partimos para muitas análises de enfermidades e suas possibilidades de tratamentos, com conflitos crescentes com os médicos à medida que as faculdades de medicina se estabeleciam e formavam mais médicos — muitos dos quais passavam a ocupar importantes cargos e comissões no governo. Se no Império brasileiro vários médicos conquistaram espaços importantes, é na República que eles se destacam, influenciando decisivamente a política repressiva que se instaura com o código penal de 1890. A segunda parte da obra trata com

cuidado dos efeitos e consequências desse novo contexto, trazendo importantes discussões sobre os significados de “republicanizar” — se por meio da liberdade ou de mais repressão — as artes de curar. Passa por histórias fascinantes ocorridas na Bahia, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais e em Pernambuco, chegando até meados do século XX, debatendo a repressão a chamadas doenças mentais, ao espiritismo, a cultos afro-brasileiros, a uma beata milagreira negra... entre tantos casos e histórias. Conclui com uma análise fascinante de religiosidade e relações entre crença e medicina, trazendo Cosme e Damião e a cidade de São Paulo para a história toda. A ideia que abriu o livro e que passa por todos os capítulos — a da circularidade de saberes e práticas — é retomada no final, depois de passarmos pelas discordâncias de métodos e opiniões, além das múltiplas possibilidades de apropriação e interpretação dos conhecimentos.

É estimulante perceber o quanto questões fundamentais sobre o tema das medicinas e religiosidades estão ainda presentes, mas renovadas e ressignificadas em pesquisas novas, variadas e riquíssimas, trazendo a dimensão atlântica, a importância da raça e novas vertentes explicativas para a repressão. Artes de curar sempre estiveram sob a mira do Estado. E sempre resistiram. No Brasil Império, quando as lutas entre os médicos ainda eram pela própria existência de suas faculdades e centros de pesquisa e atendimento, os praticantes dessas artes já lutavam, e continuaram lutando na República, quando a violência em lidar com os religiosos e curandeiros se tornou a regra institucional, fosse na Bahia, no Rio de Janeiro, no Recife, em Minas ou em tantos lugares, perseguindo espíritas e praticantes do candomblé. Ao mesmo tempo, os pacientes eram tudo menos passivos: agentes, sujeitos de suas próprias histórias mesmo quando a coisa apertava, quando o desespero e o medo batiam à porta e só milagres poderiam resolver as enfermidades e os achaques do corpo e da mente. Há algo que permanece na longa duração e no amplo espectro de localidades, apesar das diferenças e cores determinadas, das especificidades do tempo e do espaço. Trata-se da teimosia, da coragem, da luta dos enfermos em desafiar a doença e as autoridades em busca de cura, mesmo quando parece impossível, quando o destino é implacável e duro, extremamente duro. Incapazes de aceitar a falta de respostas dos médicos, dos padres, das autoridades, os achacados tentam mudar o inevitável, ao invés de se resignar. Fazem, assim, da necessidade uma virtude, como explicou Bourdieu (2011, p. 47). Mas não no sentido de uma acomodação: longe disso, lutam com o que

têm, muitas vezes apelando para o reencantamento do mundo, para a magia, o sobrenatural, o inexplicável.

Vivemos tempos assombrosos, de uma epidemia que nos devastou, sob um governo que é amigo da doença e inimigo dos vivos. Um pesadelo distópico, que nos prende, assusta, distancia, confunde. Nunca estivemos tão cansados, tão exauridos, desesperançados. Nunca? Talvez não nos últimos anos, mas já estivemos, como humanidade, muito perdidos, ameaçados por doenças desconhecidas, por governos gananciosos compostos por pessoas mesquinhas e hipócritas. É o que mostra essa surpreendente coletânea de textos aqui reunidos. Histórias de doença e resiliência, de violência mas também muita coragem, maneiras variadas de reinventar o presente, de encontrar alegria e saúde onde nem poderíamos imaginar.

Esses textos foram um bálsamo para esta prefaciadora, alma cansada do trabalho remoto, das paredes de casa, da monstruosidade dos poderosos, da destruição de nossas instituições e florestas, da ignorância de tantos que podem ter acesso à informação. Quando a pandemia de Covid-19 começou, a temática das doenças veio à tona, e vários historiadores escreveram sobre outras epidemias. Tínhamos menos esperança e mais medo, mas talvez menos cansaço. A exaustão que o excesso de tela e a ausência da socialização nos causam é visível em cada um de nós. No final de 2021, já tínhamos a vacina, sabíamos mais sobre como nos proteger, iniciamos timidamente incursões ao mundo exterior às nossas casas. Mas é na literatura e nas boas análises da História que temos encontrado forças para seguir, para reinventar a realidade que nos atravessa, lembrando que não é a primeira vez que nos derrubam, nem será a última — mas que sempre saberemos lutar e encontrar maneiras de cuidar dos nossos e dos outros, de imaginar um mundo mais justo, que acolha e proteja os doentes, os mais frágeis, os mais necessitados, que dê alento e leve calma aos vivos, que nos conecte com o que de melhor as pessoas conseguem produzir.

A leitura deste livro nos tira do presente de maneira engenhosa: são casos intrigantes, bem contados, de resistência e força, que nos fortalecem para a luta de agora. Escrever a história das artes de curar e das práticas de saúde de outros tempos é importante, é interessante, porém é mais do que tudo extremamente relevante nesse momento do mundo. Parabéns aos autores pela escrita interessante, pelas situações incríveis que apresentam, pelas questões renovadas que conseguem extrair de histórias tão antigas, pelo resgate da memória de tanta gente relegada ao anonimato. Ao leitor, só resta dizer que o passeio — ainda que de máscara e com as mãos desin-

fetadas — vale muito. Dele saímos com a cabeça fervilhando de ideias e novas possibilidades.

Que passem longe os negacionistas, dinheiristas, desalmados e gananciosos genocidas, e “todos esses que estão aí atravancando nosso caminho”. Axé, saúde, vida longa para nós, os comuns, os sobreviventes, tomados por tantos males. Eles passarão. Nós, passarinhos!¹

— Gabriela dos Reis Sampaio

Departamento de História da Universidade Federal da Bahia

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
QUINTANA, M. *Caderno H, Mario Quintana: poesia completa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

¹ Parafrazeando Quintana (2013, p. 136).

APRESENTAÇÃO

A história focada nos avanços da medicina e nas trajetórias de médicos afamados constituiu um importante viés da história da saúde até meados da segunda metade do século XX. Um dos principais autores que representam essa abordagem, em grande parte formada por médicos que escreviam sobre a história de sua profissão, é Lycurgo dos Santos Filho (Santos Filho, 2001). Sua obra é repleta de informações valiosas sobre médicos e instituições médicas dos períodos colonial e imperial. No entanto, as referências a terapeutas não formados são cravejadas de observações superficiais e preconceituosas.

Na década de 1990, sobretudo, observa-se uma intensa profissionalização da história e dos historiadores e cientistas sociais, que voltaram suas pesquisas para a área da história da saúde. Destaca-se, a partir desse período, uma produção historiográfica profissional, que em parte tomava forma em dissertações e teses defendidas em universidades públicas. Essas cuidadosas investigações continuaram, com perspectivas críticas, focadas em trajetórias de médicos, em instituições médicas, nas políticas de saúde pública. Desse modo, obras que se tornaram referências na história da saúde analisaram a institucionalização da medicina e os conflitos internos à corporação médica; controvérsias protagonizadas por médicos; e as origens

das políticas nacionais de saúde pública na Primeira República.¹ É interessante apontar que muitos desses autores estavam reunidos na Casa de Oswaldo Cruz, criada em 1986.²

Entre as décadas de 1980 e 1990, parte da historiografia brasileira foi bastante influenciada pela obra de Edward P. Thompson, em especial os estudos sobre escravidão. Tratava-se de considerar os indivíduos de grupos sociais subalternos como agentes históricos e atentar também aos significados dados por eles às suas experiências. Assim, curandeiros, feiticeiros, parteiras, sangradores, práticos de botica começaram a aparecer em dissertações e teses desenvolvidas na história social. Além de ocuparem posições inferiores na hierarquia das artes de curar, essas pessoas, em sua maioria, tiveram suas vidas atravessadas pela experiência da escravidão de forma direta ou por meio dos familiares.³ Ainda nas décadas de 1990 e 2000, outros relevantes estudos foram publicados, assim como algumas coletâneas, o que evidenciava o aumento de produção sobre as artes de curar, as concepções populares sobre doença e cura e as relações com os médicos formados (Figueiredo, 2002; Soares, 1999; Ribeiro, 1997; Diniz, 1998; Chalhoub et al., 2003; Chalhoub, 1996; Hochman & Armus (2004).

Essas pesquisas colocaram em destaque duas questões. A primeira diz respeito à importância dos estudos sobre esses grupos para compreendermos melhor o universo das artes de curar. Afinal, por um lado, boa parte da assistência à saúde era prestada por essas pessoas. Por outro, o combate à atuação de terapeutas não formados academicamente era uma das principais bandeiras da corporação médica.

A segunda questão refere-se ao discurso médico do período, que foi incorporado por parte da historiografia, de acordo com o qual curandeiros se multiplicavam pelo Brasil porque haveria poucos médicos. Assim, a maior parte da população não teria outra opção a não ser recorrer a essas pessoas consideradas pelos médicos como ignorantes e charlatães. Esses estudos propõem interpretarmos a grande procura por curandeiros e similares em razão do compartilhamento de concepções sobre doença e cura com parte significativa da população. O pequeno número de médicos era um fato, embora nas últimas décadas do século XIX isso tenha sido superado na capital do país, por exemplo. Mas o que levava grande parte da

1 Ver, por exemplo, Ferreira (1996), Edler (2014), Benchimol (1999) e Hochman (2012).

2 Unidade da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), onde são desenvolvidos estudos sobre história das ciências e da saúde. Em 2001, a Casa criou um programa de pós-graduação voltado para o tema.

3 Por exemplo, ver dissertações e teses desenvolvidas na década de 1990 e início dos anos 2000 na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp): Weber (1999 [1997]), Xavier (2008 [2002]), Sampaio (2009 [2000]; 2005 [1995]), Pimenta (1997; 2003), Marques (1999 [1998]).

população mais pobre, parte dos remediados e mesmo algumas pessoas da elite a recorrerem aos curadores sem formação acadêmica seriam concepções sobre o mundo que, muitas vezes, consideravam a influência do sobrenatural no desenvolvimento de doenças.

Em conjunto, os estudos que compõem este livro sobre as artes de curar contribuem para a ampliação e o aprofundamento das análises sobre o tema. Na leitura dos capítulos, podemos observar que não havia apenas conflitos entre curandeiros e médicos; em alguns contextos, havia colaboração. Por parte da população, também fica evidente que nem sempre se tomava partido de algum terapeuta. Para tratar de seus males — e dependendo de quais seriam esses males — as pessoas recorriam a curandeiros, religiosos, cirurgiões e médicos, considerando, é claro, seus recursos para pagar pelo tratamento. Algumas vezes, procuravam um seguido do outro; em outras situações, mais de um terapeuta ao mesmo tempo.

Ao longo do livro, fica evidente outro aspecto que devemos ressaltar. As pessoas que exerciam as diversas artes de curar sem formação acadêmica não possuíam um perfil único e homogêneo. O contexto em que tais pessoas praticavam suas curas concedia especificidades, como a atuação no meio rural ou numa região urbana movimentada, no início do século XIX ou no começo do XX. Curandeiros, parteiras, sangradores são exemplos de ofícios que abrigam atuações e formações baseadas mais ou menos nas tradições africanas, indígenas ou europeias. Muitas vezes e cada vez mais, para os médicos formados academicamente essas atividades podiam ser resumidas na palavra charlatão, o que contribuía para encobrir a diversidade entre os terapeutas populares, além de desqualificá-los e desautorizá-los.

Desse modo, oferecemos um livro que apresenta um panorama dos estudos atuais sobre as artes de curar no Brasil, enriquecido com análises que abrangem a Argentina e a Península Ibérica. Contemplando as circularidades e a repressão que acompanham as artes de curar, a leitura dos capítulos é um convite a refletirmos sobre a importância dessas práticas e ofícios de cura para a saúde das populações ao longo do tempo e para compreendermos melhor a própria história da saúde.

REFERÊNCIAS

- BENCHIMOL, J. *Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Editora da UFRJ, 1999.
- CHALHOUB, S. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- CHALHOUB, S. et al. (orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- DINIZ, A. da S. *Cólera: representações de uma angústia coletiva*. 518f. Tese (Doutorado em História) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- EDLER, Flavio. *Ensino e profissão médica na Corte de Pedro II*. Santo André: Universidade Federal do ABC, 2014.
- FERREIRA, Luiz Otávio. *O nascimento de uma instituição científica: os periódicos médicos brasileiros (1827-1843)*. 216f. Tese (Doutorado em História Social) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- FIGUEIREDO, B. G. *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.
- HOCHMAN, G. *A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.
- HOCHMAN, G. & ARMUS, D. (orgs.). *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- MARQUES, V. *Natureza em boiões: medicina e boticários no Brasil setecentista*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999 [Do espetáculo da natureza à natureza do espetáculo: boticários no Brasil setecentista. 252f. Tese (Doutorado em História) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- PIMENTA, T. S. *As artes de curar: um estudo a partir dos documentos da fisicatura-mor no Brasil do começo do século XIX*. 153f. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- PIMENTA, Tânia Salgado. *O exercício das artes de curar no Rio de Janeiro (1828 a 1855)*. 256f. Tese (Doutorado em História) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- RIBEIRO, Márcia Moises. *Ciência nos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicina no Rio de Janeiro imperial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005 [Nas trincheiras da cura: médicos e curandeiros no Rio de Janeiro do século XIX. 192f. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995].
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Juca Rosa: um pai de santo na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009. [A história do feiticeiro Juca Rosa: cultura e relações sociais no Rio de Janeiro imperial. 271f. Tese (Doutorado em História) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000].
- SANTOS FILHO, Lycurgo. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo: Hucitec, 2001.

- SOARES, Marcio de Sousa. *A doença e a cura: saberes médicos e cultura popular na corte imperial*. 406f. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.
- WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: religião, magia e positivismo na república rio-grandense — 1999-1928*. Santa Maria: EUFMS; Bauru: Edusc, 1999 [*As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na república rio-grandense, 1889-1928*. 345f. Tese (Doutorado em História) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- XAVIER, Regina Célia Lima. *Religiosidade e escravidão, século XIX: mestre Tito*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008 [*Tito de Camargo Andrade: religião, escravidão e liberdade na sociedade campineira oitocentista*. 340f. Tese (Doutorado em História) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.